

O custo da produção do café

Interessante palestra do sr. Antonio de Queiroz Telles. no "Rotary Clube de São Paulo"

Da interessante exposição feita pelo sr. A de Queiroz Telles, sobre o momentoso assumpto do custo da produção de café—pedra angular de toda produção agricola—feita em dia do mez de Abril, colhemos os seus topicos finaes, que nos parecem dignos de respeito e meditação.

"Mas dirão, como nas actuaes condições de custeio agricola e carestia de vida poderá o nosso fazendeiro reduzir o preço de custo da sua produção cafeeira ?

Expliquemo-nos.

Quando fallamos na necessidade e mais, na possibilidade de reduzir o preço de custo, não queremos nos referir particularmente ao lavrador. Este, mais cedo ou mais tarde, no seu projectado interesse, saberá como melhor agir. Basta que lhe forneçamos os meios. Não entro tambem em pormenores. Falo em these. Não me cumpre pois salientar se algumas ou muitas das medidas que avento, pelo menos na orbita estadual, estão em execução ou em vias de o ser.

O de que necessitamos no caso em apreço é da acção official, de medidas de governo dirigidas em forma de sã politica economica, que afinal representam produção a baixo custo e são a base defensiva da lavoura.

Nesse sentido julgo que são necessarios, entre outros os seguintes requisitos :

1 — transportes modicos capazes de animar a produção, procurando as emprezas que os exploram obter o lucro na quantidade da mercadoria transportada. Neste caso occorre-me recordar que ha varios annos, um conhecido meu de nacionalidade norte americana, residente entre nós, asseverava-me que os fretes ferroviarios do café nos Estados Unidos eram uma decima parte dos de São Paulo. Dizia no entanto a referida pessoa, que comprehendia a elevação dos nossos fretes sobre o café por ser elle a produção principal do nosso Estado, ao que retruquei, que a meu ver, essa razão deveria justa-

mente favorecer a baixa e não a alta dos fretes. Citei o facto apenas para dar um exemplo do que já existiu. Ignoro, porem, qual seja essa relação no actual momento ;

2 — fornecimento de braço adequado e na medida necessaria e indispensavel á producção de accordo com a forma entre nós prevalecente de propriedades agricolas exploradas por trabalhadores, sobre o regime de empreitadas, e mormente em se tratando da cultura cafeeira que o requer em certa abundancia ;

3 — expansão da pratica de adubação das terras e de todos os meios de evitar o seu depauperamento, com isenção de direitos para a introdução de adubos e de fretes para os transportes. Ensino effectivo e racional da adubação dos nossos cafezaes, que mais de metade da nossa lavoura necessita sob pena de perecer ou precisar vender o café a 50\$000 a arroba para obter lucro ;

4 — ensino pratico do uso em maior escala de machinas agricolas e outros meios economisadores do braço na agricultura.

5 — organização e diffusão, no maximo possivel, do credito agricola, sob todas as suas formas e para toda classe de lavradores ;

6 — reforma do regime tributario em geral e particularmente dos Estados, que se baseia em taxas e impostos que incidem directamente sobre a producção encarecendo-a sobremodo. Extincção do imposto de exportação e dos impostos interestaduaes, por uma reforma da Constituição federal, que não deixe logar a possiveis duvidas na applicação da lei. Convem assignalar, ainda que fugazmente, que a Colombia e a Venezuela, nossas grandes competidoras na producção do café, não têm imposto de exportação, e sem elle vivem perfeitamente. Quanto a nós já o tinhamos em S. Paulo de 11 0/0 "ad valorem", no passado, sendo reduzido mais tarde a 9 0/0. Ainda assim com a pauta de 3 mil réis por kilo, nos cafés inferiores, representa o imposto muito mais de 9 0/0 ;

7 — extincção ou restricção, no maximo possivel, do protecçionismo industrial, de forma que este menos pese sobre a agricultura, quer directamente como no caso da saccaria protegida, quer como os demais productos da chamada "industria nacional", que são mais caros e em regra inferiores aos estrangeiros, tornando insuportavel a vida da nossa classe proletaria rural, que se vê privada de parte do seu trabalho. A industria protegida de saccos tem pesado como um verdadeiro tributo sobre a lavoura cafeeira. Basta pensar, para se ter uma ideia, que, por decenios, se nos fosse permitido importar o sacco isento da barreira alfandegaria, elle nos poderia custar 1 mil réis menos que o da manufactura nacional.

A quanto não montará o prejuizo da classe agricola em todo esse lapso de tempo?

8 — incentivar tratados commerciaes de reciprocidade com às nações estrangeiras, evitando a hostilidade alfandegaria, dando ensejo a que ellas possam gosar do mercado do Brasil para os seus productos, fazendo outro tanto para os productos brasileiros nesses paizes. Ainda mais para nós, um dos resultados desses entendimentos, seria o levantamento das medidas de prohibição immigratoria mais ou menos disfarçada que ainda existe em alguns paizes. Seria para nós a obtenção de braços seleccionados, portanto os mais convenientes ao povoamento das nossas terras e ao cultivo da nossa lavoura cafeeira, tanto sob o ponto de vista ethnico, para a formação do nosso povo, como para a efficiencia de seu serviço.

Com a adopção dessas e outras mais medidas que por ventura sejam alvitradas, collocariamos o Brasil e em especial S. Paulo, em condições naturaes para a produção do café, firmando a sua hegemonia que nenhum paiz do mundo conseguiria por em perigo.

A lavoura cafeeira na Venezuela

Sobre as informações fornecidas pelo sr. Renato Lago, secretario da legação do Brasil em Caracas, o director da Estatistica do Estado da Bahia, dr. Mario Barbosa, fez para a Agencia Brasileira a seguinte exposição sobre as condições exactas e o desenvolvimento da lavoura do café, na Venezuela.

Attingindo uma produção annual de 500 saccos, obtida de 200.000 pés de café, entra a Venezuela, com o seu producto nos mercados consumidores, com uma parcella que á primeira vista se afigura insignificante em relação ao quanto produz e exporta o nosso paiz, mas que reunida ás outras nações productoras num crescente digno de nota nos poderá trazer uma concorrência contra a qual deveremos ficar vigilante.

Avolumando-se a produção mundial de café, a defeza desse nosso producto que se firma na limitação das sahidas para o exterior, perde o seu ponto capital de resistencia, desde quando outros fornecedores nos possam enfrentar nos meios consumidores.

Augmentando as suas plantações e animando os lavradores com favores excepcionaes, o governo da Venezuela, como os de outros paizes, obterão fatalmente grandes resultados, dando-nos motivos para justas meditações.

Segundo os elementos do nosso informante, a maior parte do café exportado pela Venezuela vae para os Estados Unidos numa proporção de 60 %, paiz que tambem é um dos maiores consumidores do café brasileiro.

A parte restante é enviada para a Espanha, França, Allemanha, Hollanda, Suecia Dinamarca e Finlandia, igualmente compradores do nosso café.

O governo venezuelano isenta o café de qualquer imposto, indo além ainda, não taxando com nenhum imposto as propriedades agricolas que fazem essa lavoura.

O Banco Agricola e Pecuario, fomenta a produção com o grande auxilio do credito que lhe é indispensavel.

Relativamente as condições de transportes, melhor do que as nossas considerações, diz o sr. Renato Lago no seu trabalho, o seguinte :

«Os portos de embarque na Venezuela são: Maracaibo, Forte Cabello, Laguyra, Cumará e Carupano. Maracaibo exporta o café da região andiana, isto é, Taquira, Merida e Truxillo, além do café em transitio, no Departamento Santander da Columbia. A região cafeeira de Taquira está uma distancia approximada de 400 kms. de Maracaibo e o transporte é feito successivamente por estradas de rodagem, estrada de ferro e via fluvial, como tambem nos centros cafeeiros de Truxillo e Merida, que distam respectivamente 230 e 280 kms. de Maracaibo. As regiões cafeeiras que exportam café por porto Cabello, são as dos Estados de Lara, Falcão, Yacacury e Carabobo. A zona de Carabobo está perto do porto Cabello, as outras, um pouco inais distantes, servem-se de estradas de rodagem para o transporte do café.

Para Iagoayra, se exportam cafés das zonas vizinhas de Caracas e das dos Estados de Aragua e Miranda. Cumaná exporta o café na mesma região, sahindo por Garupano, o caté das regiões do littoral.»

Os serviços nas fazendas cafeeiras é praticado pelos trabalhadores nativos, sendo muito pequeno o concurso da immigração.

Um trabalhador ganha em media, 8 mil réis diario, calculando-se em nossa moeda, remunerando-se as mulheres e creanças, respectivamente 20 % e 50 % a menos.

Fecha o nosso illustre conterraneo as suas observações em resposta ao questionario do nosso ministro do exterior, dizendo que a lavoura do café na Venezuela não se vê sob a ameaça dos grandes prejuizos causados pelas modificações atmosphericas, notando-se, ainda, que as pragas que atacam os cafeeiros surgem em regiões isoladas, sem caracter de epidemia.

Tudo isso indica os magnificos elementos de exito do que dispõe a Venezuela para maior expansão da sua riqueza cafeeira, constituindo ao mesmo tempo, para nós um assumpto que exige toda atenção e cuidadoso estudo.